

CORPOREIDADE, FORMAÇÃO DE LEITORES E LITERATURA INFANTIL: ALGUMAS INTERFACES

Sonia Maria Martins de MELO¹
Ademilde Silveira SARTORI²
Luciana KORNATZKI³

291

RESUMO: Neste trabalho apontamos interfaces entre corporeidade, formação de leitores e literatura infantil. As reflexões apresentadas são parte de uma pesquisa sobre livros de educação sexual intencional para a infância. Objetivamos refletir sobre as práticas pedagógicas de ensino da leitura, especificamente aquelas que utilizam livros de literatura infantil. Compreendemos educação como fenômeno humano sempre presente nas relações estabelecidas entre as pessoas, situadas em um contexto sócio-histórico e cultural. Nessas relações sempre educativas, a corporeidade, como unidade de existência humana, está também sempre presente, sendo construída e reconstruída, inclusive nas práticas de ensino da leitura e formação de leitores. Nessas relações educativas professores/as e alunos/as expressam sua corporeidade, assim como ela também se expressa nos conteúdos de livros para a infância. Assim, esses livros também contribuem para a construção da corporeidade das crianças leitoras. Pelas relações entre leitores e livros é possível perceber imensas possibilidades de uso pedagógico emancipatório de livros de literatura infantil, se usados criticamente. Destacamos a importância da reflexão sobre seus conteúdos, em busca de perceber que mensagens expressam e os possíveis efeitos para a construção da corporeidade dos leitores. Sendo assim, torna-se indispensável refletir com eles para questionar seus conteúdos, suas possíveis normatizações ou se já apontam para uma perspectiva emancipatória.

PALAVRAS-CHAVE: Corporeidade. Formação de Leitores. Literatura Infantil. Práticas docentes

Introdução

As reflexões apresentadas neste trabalho estão relacionadas a estudos que embasaram inicialmente pesquisa realizada que objetivou desvelar as vertentes pedagógicas de educação sexual em livros para a infância, voltados à educação sexual

¹ UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis – SC – Brasil. 88.035-001 - soniademelo@gmail.com

² UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis – SC – Brasil. 88.035-001 - ademildesartori@gmail.com

³ UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis – SC – Brasil. 88.035-001. Secretaria Municipal de Educação de Biguaçu. Biguaçu – SC – Brasil. 88.160-000 - lukornatzki@gmail.com

intencional, em busca de perceber se as mensagens expressas em seus conteúdos contribuem para propostas de educação sexual emancipatória. A partir de revisão realizada previamente à pesquisa, refletiremos neste artigo sobre algumas interfaces entre as categorias corporeidade, formação de leitores e literatura infantil.

Iniciamos nossa abordagem com a compreensão de que cada ser humano é corporeidade, pois não estou em meu corpo, eu sou meu corpo, como diria Merleau-Ponty. Nesse sentido, cada ser-corporeidade desde o princípio de sua vida estabelece relações com as demais pessoas, também corporeidade, num determinado tempo e num determinado espaço geográfico. Nessas relações as pessoas desenvolvem linguagem e pensamento, apropriando-se de posturas, de formas de ser e agir, de códigos e de sistemas que circulam no seu cotidiano.

Nessa perspectiva, concordando com Paulo Freire (1987) ao afirmar que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, entendemos que a construção de aprendizagens pelas crianças, como sujeitos integrais, precede seu ingresso na escola.

Portanto, cabe também ao educador ou educadora reconhecer, na relação estabelecida com seus alunos e alunas no espaço escolar, esse conhecimento de mundo que já trazem ao chegar ao ambiente escolar como auxílio precioso a novas aprendizagens. Isto porque, sendo a leitura de mundo anterior à da palavra escrita, essa só terá significado se associada a esse mesmo mundo que a significa.

Diante disso, a leitura da palavra, como compreensão do sistema de escrita, deriva de uma situação de comunicação entre leitor e o mundo em que se situa, isto é,

Tornar-se leitor é, portanto, penetrar nas razões e nas redes de uma comunicação escrita tanto mais urgente, pois que o mundo aí está, novo e cheio de mistérios, de resistências, de encantos e de limites (FOUCAMBERT, 1997, p.57-58).

Tendo em vista essa consideração levantada sobre a prática da leitura como possibilidade de construir sentidos e significados para o texto escrito, trataremos aqui sobre a formação de leitores entendidos em sua plenitude, buscando compreendê-la como prática de formação de sujeitos que se entendam primordialmente como corporeidade.

Com isso queremos destacar que não entendemos a leitura numa perspectiva apenas cognitiva, mas biopsicossocial.

Interfaces desveladas

Melo (2004) afirma corporeidade como categoria que traz uma compreensão que supera a dicotomia corpo-mente, pois corporeidade se desvela como unidade de existência no processo de entendimento pelo ser humano da indissociabilidade de seu corpo e sua mente. Ressalta também que, por ser a dimensão da sexualidade sempre presente e inseparável do existir humano, esse ser corporeidade é sempre sexuado, em permanente construção por meio das relações entre as pessoas.

Portanto, reafirmamos: sexualidade (dimensão humana) e corporeidade (unidade de existência humana) são unas e passíveis de serem (re)construídas pelas relações estabelecidas entre as pessoas com os demais seres. Assim, entendemos que

[...] este Ser Corpo no Mundo não pode ter sua sexualidade vista como algo isolado, que pudesse ser “deixada fora” do espaço escolar. Os corpos são as pessoas, pessoas estas sempre sexuadas, também como professores e professoras. São os corpos os ancoradouros humanos de percepções e sentimentos (MELO, 2004, p.52).

Nesse entendimento do ser como corporeidade, pensamos ser necessária uma reflexão sobre as práticas docentes no ensino da leitura e formação de leitores e leitoras, todos corporeidade, todos sexuados.

Destacamos inclusive a necessidade de problematização dos recursos que professores e professoras têm utilizado para esse fim, nomeadamente aqui o recurso da literatura infantil e suas diversas obras hoje dirigidas especificamente para a educação sexual de crianças.

Essas relações sempre educativas e pedagógicas, ao utilizarem livros de literatura infantil com o objetivo de formar leitores, precisam atentar criticamente sobre quais mensagens são expressas pelos conteúdos desses livros. Tais conteúdos podem refletir padrões e normas repressoras e desumanizadoras que dicotomizam o ser humano, não o entendendo como corporeidade, ou podem apontar para o reconhecimento e valorização do ser como unidade de existência, levando os leitores ao respeito em relação à diversidade humana, por exemplo.

Não nos esqueçamos que as mensagens presentes nos livros de literatura infantil são sempre selecionadas a partir de determinadas intenções pelos seus autores e autoras e, portanto, nunca são neutras.

As visões de mundo expressas por essas obras atuam certamente também sobre a compreensão de corporeidade pelo leitor ou leitora. Essas obras podem influenciar seus sentimentos, seus desejos, seus prazeres, suas emoções e demonstrar toda uma forma de ser e agir como ser humano, muitas vezes enfatizando uma falsa dicotomia corporeamente.

Para Lajolo (2005) esse gênero literário atua de modo vigoroso na formação de uma determinada imagem de indivíduo, pois

por atuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna-se fator importante na imagem que socialmente circula, por exemplo, de **criança e de jovem** (LAJOLO, 2005, p.27, grifo do autor).

Nessa direção, seguimos em nossas reflexões em busca de propor a sensibilização docente sobre suas práticas na formação de leitores e leitoras ao utilizarem livros para a infância, especialmente os de educação sexual intencional. Precisam, esses profissionais, problematizar as escolhas pedagógicas dessas obras, relativas às propostas voltadas à formação de leitores. Isso porque no processo de leitura de livros de literatura infantil, crianças e professores/as estão presentes inteiros nesse processo, como seres unos, corpo-mente indivisíveis.

Nesse sentido, é preciso buscar a sensibilização desses professores para o fato de que, ainda que escolhidos possivelmente sem uma intencionalidade negativa, esses dispositivos pedagógicos sempre influenciam, de uma forma ou outra, nos processos de construção da noção de corporeidade pelas crianças, ou seja, da construção do seu entendimento do que é o ser humano.

Hoje ainda é fator preocupante em nossas escolas a presença de muitas crianças que não convivem cotidianamente com boas práticas de leitura no espaço extra-escolar e, ainda preocupante também, o fato desse convívio fora da escola, se ocorre, não se dar com bons livros de literatura infantil. Essa realidade se apresenta aos professores e professoras como mais um obstáculo no processo de formação de leitores e leitoras, impondo-lhes a necessidade de buscar desenvolver no espaço escolar várias estratégias que favoreçam o desenvolvimento do gosto pela leitura por parte das crianças.

Um das estratégias primordiais para favorecer o desenvolvimento do gosto pela leitura pelos alunos e alunas, inseridos nas instituições escolares, é a percepção da leitura como um ato de compreensão.

Conforme Solé (1998) toda leitura de um texto, para que ele possa ser compreendido, envolve estratégias como antecipação, inferência, decodificação, seleção e verificação. Essas habilidades são desenvolvidas pelo convívio cotidiano com práticas de leitura significativas, por isso a importância do uso constante de diferentes textos, dentre eles as obras de literatura infantil. Elas podem ser ainda mais significativas para a formação de leitores e leitoras se considerarmos suas possibilidades em desenvolver o encantamento e a imaginação das crianças que entram em contato com essas obras.

Sobre o ato de ler, Foucambert (1997) complementa afirmando que

[...] ler é atribuir (e não *extrair de*) um (e não *o*) significado a um texto, que o significado não está tal e qual no texto para que baste extraí-lo [...], que essa elaboração de um sentido resulta de uma singular colaboração entre o autor e o leitor, na qual o primeiro antecipa a atuação do segundo e dissemina indícios que precisam ser interpretados para adquirir sentido (FOUCAMBERT, 1997, p.95-96, grifos do autor).

Para Foucambert (1994), a aprendizagem da leitura ocorre por meio do envolvimento com diversos e diversificados textos escritos, associando-os entre si e ao seu uso social e percebendo, assim, razões para a leitura. Já Colomer (2003) entende que crianças são introduzidas no mundo da literatura pelos livros infantis.

Já para Souza (2010) a escola é um espaço privilegiado para esse contato entre criança e literatura infantil, contato esse que deve ser provocado pelo professor. Porém, a partir de pesquisas sobre a presença da literatura infantil nas práticas escolares, a autora constata que

[...] a escola não trabalha com obras literárias e, nas séries iniciais, amontoa crianças em cantinhos de leitura e estabelece horários inadequados para o desenvolvimento da leitura dos alunos (SOUZA, 2010, p. 89).

Mas, apesar dessa realidade, apoiadas em Coelho (2002), reforçamos a importância do uso crítico de obras de literatura infantil, dentre eles os de educação sexual específicos para a infância, para a formação da criança, com ênfase na sua compreensão como *Ser Corpo no Mundo*. Segundo essa autora,

[...] literatura é *arte* e, como tal, as relações de aprendizagem e vivência, que se estabelecem entre ela e o indivíduo, são fundamentais para que este alcance sua formação integral (sua consciência do *eu + o*

outro + mundo, em harmonia dinâmica) (COELHO, 2002, p.10, grifos do autor).

Estudos e teorias sobre as relações entre literatura infantil e ensino na língua escrita ou desenvolvimento do hábito da leitura já remontam décadas em nosso país. Porém, gostaríamos de enfatizar nesse trabalho as incisivas relações da literatura infantil com a formação da criança leitora, nomeadamente aqui percebendo essa criança em plenitude, como corporeidade, sexuada e plena de sentimentos, desejos e prazeres. Criança essa que tem sua dimensão sexual sempre presente e em permanente construção também por meio dos conteúdos dos livros de literatura infantil com os quais entra em contato pela leitura.

Concordamos com Nunes e Silva (2000) ao afirmarem que

[...] quanto ao desenvolvimento da sexualidade infantil, estamos fazendo muito pouco para que, pelo menos, a criança aprenda a ler e assumir seu próprio corpo. O corpo que é ela própria, constitui seu ser, que vai vivenciá-lo pelo resto da vida e que deverá ser um instrumento de trabalho e prazer. O perigo, aliás, está em negar este último (NUNES; SILVA, 2000, p.51).

Esses autores registram ser o terreno da sexualidade visto muitas vezes como uma área proibida às crianças.

Parecem não perceber os adultos que, com a negação de falar intencionalmente sobre o tema, já o afirmam, inclusive como área que não se discute. Assim, a ausência do diálogo intencional sobre sexualidade com as crianças reforça sua legitimação como área proibida sobre a qual não se fala. Entretanto, Nunes e Silva (2000) lembram que as crianças frequentemente nos questionam sobre o fenômeno da vida, vida esta plena em corporeidade e, nessa direção, precisamos estar preparados para responder suas questões.

Negar a criança como corporeidade — corpo e mente indivisíveis — e como ser sexuado, favorece a negação que temos enfatizado a respeito dela ser um sujeito pleno, sujeito de desejos, prazer, sentimentos e emoções, pleno de sexualidade. Criança essa compreendida numa perspectiva mais ampla do que aquela unicamente genitalizada, tendo sua sexualidade como parte inseparável da corporeidade humana, e que está presente, explícita ou ocultamente, nos processos de ensino e aprendizagem.

Nesses processos estão incluídas, portanto, as práticas de ensino da leitura e de formação de leitores e leitoras sempre sexuados.

A dimensão da sexualidade é, portanto,

[...] uma marca única do homem, uma característica somente desenvolvida e presente na condição cultural e histórica do homem. Este homem é um ser sexuado. Assim, tudo o que faz ou realiza envolve esta sua dimensão de “ser sexuado”, isto é, de constituir uma sexualidade, uma significação e vivência da mesma, diversamente da determinação instintiva e primariamente animal e reprodutiva. A sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas (NUNES; SILVA, 2000, p.73).

Reafirmamos que, nessa abordagem, nossa criança-corporeidade tem sua sexualidade sempre presente nas relações educativas estabelecidas com seus professores e colegas, perpassadas pelas tecnologias, mídias e seus dispositivos pedagógicos, dentre eles, os livros de literatura infantil e as mensagens neles expressas.

Fischer (2002) entende dispositivos pedagógicos da mídia (aqui entendemos os livros de literatura infantil como seus representantes) a partir da noção de que as mídias operam na participação efetiva

[...] da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem. (FISCHER, 2002, p.153).

Dispositivos pedagógicos da mídia⁴, na abordagem de Fischer (2002), é um conceito que compreende as mídias como dispositivos de transmissão da cultura e por esse fato é que se tornam pedagógicas. As mídias, e nelas as obras da literatura infantil, estão carregadas de sentidos e significados compartilhados, construídos e reconstruídos pelo processo sócio-histórico e cultural (re)produzido pelas pessoas.

Da interação entre as pessoas com os dispositivos pedagógicos da mídia e o contexto cultural em que ocorrem essas relações produzem-se e reproduzem-se sentimentos, valores, emoções, conhecimentos, representações, abordagens, enfim, formas de manipular ou lidar com cada um desses dispositivos.

Todos esses aspectos são fatores que podem contribuir na formação dos leitores e leitoras como seres humanos-corporeidade, construindo-se e construtores pelas e nas

⁴ Sobre as mídias Setton (2010, p.14, grifo do autor) explica que: “O *conceito de mídia* é abrangente e se refere aos meios de comunicação massivos dedicados, em geral, ao entretenimento, lazer e informação – rádio, televisão, jornal, revista, livro, fotografia e cinema”, incluindo também os meios eletrônicos de comunicação e os sistemas que englobam as redes de comunicação e os computadores.

relações que estabelecem com os demais seres, mediante um processo de educação sempre sexuado, conforme afirmam Melo e Pocovi (2008).

Nesse sentido, Melo (2004) também aponta que

[...] na compreensão do Ser-corpo-sexuado como sujeito histórico, junto a outros sujeitos históricos, a sexualidade é eixo integrador da construção do Ser em todas as etapas de vida das pessoas no mundo, eixo intersubjetivo, dialético, dinâmico, original e criativo (MELO, 2004, p.108).

Será possível ampliar nossa visão sobre a formação de leitores e leitoras por meio dos livros de literatura infantil se desvelarmos o processo de educação sexual neles implícito, decorrente dessas relações entre sujeitos e livros? Como é possível perceber que eles atuam no processo de formação integral da criança leitora, entendida como plenitude em sua corporeidade? Podemos questionar como as práticas docentes contemporâneas entendem a relação entre literatura infantil e a formação integral da criança, ser humano-corporeidade, aí sempre incluída a inseparável dimensão humana da sexualidade?

Conforme Colomer (2003), no processo de leitura de um texto literário o leitor mescla suas experiências anteriores literárias e vitais com o texto que lê, estabelecendo um significado próprio e único a ele. Desse modo, podemos entender que

[...] se a literatura oferece uma maneira articulada de reconstruir a realidade, de gozar dela esteticamente, de explorar os pontos de vista próprio através da apresentação de outras alternativas ou de reconciliar-se com os conflitos através de uma experiência pessoal e subjetiva, o papel do professor deveria ser, principalmente, o de questionar e enriquecer as respostas, o de esclarecer a representação da realidade, que a obra pretendeu construir, mais do que o de ensinar princípios ou categorias de análise (COLOMER, 2003, p.133).

Enfatizamos aqui, portanto, a importância do trabalho docente para auxiliar as crianças na construção crítica de seus conhecimentos, podendo tomar o livro como objeto de reflexão sobre si, sobre a vida e, portanto, sobre sua corporeidade, sempre em construção com os demais seres-corporeidade com que se relaciona.

Nessa direção Souza (2010) contribui ao entender que cabe ao professor auxiliar o aluno a apaixonar-se pelos livros, para tanto, tendo sempre em mãos bons livros e em número adequado para seus alunos.

Segundo a autora, “[...] já está comprovado que não é estudando gramática, e sim se tornando um leitor maduro, que se aprende a ler, a falar, a escrever e a pensar” (SOUZA, 2010, p.95).

E é na perspectiva da busca da formação desse leitor maduro — que desenvolve a leitura, a fala, a escrita e o pensamento — que a dimensão da sexualidade desses alunos e professores é inseparável do processo de ensino realizado.

Sendo assim, é indispensável problematizar quais sujeitos-corporeidades estamos ajudando a formar mediante as escolhas de livros utilizados em nossa prática docente. Podemos questionar então: qual compreensão de corporeidade ajudamos a formar com essas escolhas? Em especial, quais mensagens expressam esses livros, no sentido de padrões, normas, regras, estereótipos que estão presentes em seus conteúdos, inclusive sobre cada pessoa **ser corporeidade** e não apenas estar em um corpo, já que muitas vezes sente-se corpo dicotomizado do que se convencionou chamar de mente?

Sobre essas mensagens expressas nesses livros, nomeadamente os padrões, normas, regras e estereótipos presentes em seus conteúdos, Belotti (1981), por exemplo, em pesquisa feita sobre livros da literatura infantil, encontrou neles a reprodução do papel de homens e mulheres em relações de superioridade e inferioridade, representados por determinados espaços e ocupações historicamente ditos como os adequados a cada gênero.

A autora considera que

Os autores de livros para crianças limitam-se simplesmente a lhes oferecer os mesmos modelos já propostos anteriormente pela família e pelo ambiente social. A literatura infantil, por conseguinte, tem meramente a função de confirmar os modelos já interiorizados pelas crianças. A transmissão dos valores culturais torna-se um poderoso coro sem vozes discordantes (BELOTTI, 1981, p.91).

Nessa direção, concordamos com Coelho (2002) ao entender a emergência de que sejam escritos livros contemporâneos de literatura infantil apontando outra perspectiva de vida, buscando superar esses vieses redutores, tendo em vista respeitar e entender a plenitude do ser e a diversidade humana como riqueza.

Portanto, propomos um uso consciente e crítico dos livros de literatura infantil pelos professores e professoras em suas práticas de formação de leitores. Nesse sentido, sugerimos que as vivências pedagógicas estejam voltadas a um processo de educação sexual emancipatória nas suas salas de aula, subsidiadas pelas decisivas escolhas que

esses professores e professoras fazem dos livros a serem utilizados. Tais escolhas necessitam estar na direção de um compromisso permanente com a disponibilização de obras para as crianças estimulando-as na compreensão de que são pessoas plenas, inclusive quando estão vivenciando seus papéis de pequenos leitores.

A educação sexual emancipatória que propomos é aquela vivenciada como um processo consciente que considera todos os aspectos que envolvem a individualidade, numa busca de uma descoberta sadia pelas pessoas nele envolvidas, dos significados de se saberem corporeidade, entendida como unidade de existência no mundo.

Há que relembrar que essa unidade de existência a ser vivida em plenitude está sempre imersa em sua dimensão social, conforme nos alerta Nunes (1996) ao afirmar que

[...] a visão ou a compreensão emancipatória não confere um egocêntrico direito de decisão subjetivista, pelo contrário, a emancipação ou a intervenção emancipatória só é possível no mundo de seres igualmente livres e emancipados, capazes de trocas gratificantes e significativas, de homens e mulheres que compreendem a dinamicidade do seu ser, e só se empenham e se reconhecem nos outros, na alteridade, na amplitude da vivência coletiva e ampliada (NUNES, 1996, p.228).

Portanto, essa visão nos fornece subsídios fundamentais também para as práticas de formação de leitores mediadas por livros de literatura infantil, dentre eles as obras voltadas à educação sexual para a infância. Isso se tivermos como fundamento pedagógico a busca pela educação sexual emancipatória.

Breves reflexões finais

Diante dos apontamentos levantados, acreditamos na urgência de propostas intencionais de formação inicial e continuada de professores numa perspectiva emancipatória. Essas propostas, desafiadas por essas e por outras reflexões, podem desvelar um novo lugar e novas possibilidades da literatura infantil, mais especificamente as de educação sexual para a infância, na formação de leitores. Para tanto, destacamos a necessidade do desvelamento junto a esses alunos e alunas e seus professores e professoras que somos todos seres no mundo em relações educativas uns com os outros, construindo-nos e reconstruindo-nos como corporeidade viva, e nela, maravilhosamente inseparável, a sexualidade.

Relembramos também que qualquer reflexão sobre a construção da compreensão de corporeidade – influenciada pelos livros de literatura infantil no processo de formação de leitores – não se reduz unicamente ao processo vivenciado pelas crianças. Os próprios professores e professoras também são corporeidade, construindo-a e construindo-se ininterruptamente por meio das relações humanas. Portanto, esse processo ocorre inclusive pelas relações pedagógicas em sala de aula, já que somos todos seres sócio-históricos e culturais, com todas nossas vivências e práticas imersas em visões de mundo construídas e reconstruídas permanentemente e em constante transformação.

Com isso queremos afirmar a possibilidade de cada vez mais professores e professoras e seus alunos e alunas, serem estimulados a se compreenderem cada vez mais como sujeitos plenos/corporeidade, constituídos de corpo, sentimentos, emoções, prazeres e desejos. Esses aspectos estão sempre presentes em todos os momentos de suas existências, inclusive naquelas ações que envolvem o prazeroso ato de ler.

Um projeto de formação de leitores que busque contribuir com a emancipação humana necessita estar voltado para o reconhecimento desse sujeito em suas infinitas possibilidades de desenvolvimento pleno, aí incluída uma atenção pedagógica crítica para a sua inseparável dimensão da sexualidade.

A literatura infantil, nas mãos e nas escolhas de professores e professoras, pode ser um valioso dispositivo pedagógico nesse processo. Essas obras, em especial aquelas direcionadas à educação sexual intencional para a infância, ao expressarem conteúdos e neles mensagens humanizadoras e construtivas, podem favorecer a compreensão pelo ser humano de que é corporeidade, entendida como unidade de existência.

CORPOREITY, EDUCATING READERS AND CHILDREN'S LITERATURE: SOME INTERFACES

ABSTRACT: *In this paper we point out some interfaces between corporeality, educating readers and children's literature. The reflections built are part of a research on intentional sex education books for children. We attempt to reflect about the pedagogical practices of teaching reading, specifically those that use children's literature books. We understand education as a human phenomenon always present in the relations between people situated in a socio-historical and cultural context. These relations always educational, corporeality, as the unit of human existence, is also always present being built and rebuilt. Even in the practices of teaching reading and educating readers, teachers and students express their corporeality, as it is also expressed in books for children. That is why the books of children's literature contribute to building the corporeality by children readers. The relationship between readers and books is possible to notice huge possibilities of an emancipatory pedagogical use of books of children's literature, if used critically. For this purpose, highlight the importance of reflecting on the contents of these books in search to realize the content that are express in their messages and the possible effects on the construction of the corporeity of its readers. Therefore, it is essential to think about them to question its contents, possible norms or if indicates an emancipatory perspective.*

KEYWORDS: *Corporeity. Educating Readers. Children's Literature. Teaching Practice*

REFERÊNCIAS

- BELOTTI, E. G. **Educar para a submissão**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2002.
- COLOMER, T. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2003.
- FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p.151-162, jan/jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100011&lng=en&tlng=pt>. Acesso em: 30 jun. 2012.
- FOUCAMBERT, J. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2005.

MELO, S. M. M. **Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

MELO, S. M. M. de.; POCOVI, R. **Educação e Sexualidade**. 2.ed. Florianópolis: UDESC, 2008. (Caderno Pedagógico, v.1).

NUNES, C. A. **Filosofia, sexualidade e educação: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre Educação Sexual escolar**. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Unicamp, Campinas, 1996.

NUNES, C. SILVA, E. A. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas: Autores Associados, 2000.

SETTON, M. da G. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, A. A. A. de. **Literatura infantil na escola: a leitura em sala de aula**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.